

CIDADE MODERNA E ESPAÇOS FEMININOS

*Etelvina Trindade**

Ao descrever uma viagem ao sul do Brasil, por volta de 1870, o viajante inglês Thomas Bigg-Wither narra um fato pitoresco presenciado em sua passagem pela região do rio Tibagi, no estado do Paraná. Tendo parado para tomar um refresco na fazenda de Campinas Belas, o inglês entabula uma animada conversação com a dona da casa que revela ser mãe de cinco filhas solteiras. Educadamente, Wither manifesta o desejo “de travar conhecimento com tão distintos membros da família”. A interlocutora parece considerar o pedido com extrema gravidade. Tendo consultado o marido, levantou-se ele, “foi até uma porta trancada, deu a volta à chave, abriu-a e desapareceu na escuridão reinante no interior do quarto”.¹ Após alguns esforços do casal, as moças aparecem na sala, seguindo-se a cena descrita pelo autor:

Logo a seguir a senhora reapareceu, acompanhada de modesta donzela de dezoito ou dezenove anos, seguida de perto por três outras, aparentemente um pouco mais jovens. Todas pareciam estar dominadas de intensa timidez e de um desejo quase histérico de rir. Depois da apresentação formal e separada de cada uma – note-se que aqui a moça era apresentada ao cavalheiro – todas se retiraram de volta ao quarto secreto e o pai mais uma vez as fechou à chave.²

Surpreso com o ocorrido, o visitante é informado ser esse o procedimento habitual na região em relação às filhas de família.

A estranheza de um estrangeiro, educado no ambiente sofisticado da Europa Ocidental ao final do século XIX, com o tratamento dado ao sexo feminino neste longínquo rincão do estado do Paraná, em um também longínquo Brasil, é plenamente justificável. Afinal de contas, já ia longe o tempo dos gineceus gregos com suas mulheres subtraídas aos espaços públicos. Bem ou mal, as representantes do sexo feminino já faziam valer

* Universidade Federal do Paraná

1 Bigg-Wither, Thomas. *Novo caminho no Brasil Meridional: a província do Paraná*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974, pp. 123-4.

2 Bigg-Wither, op. cit., pp. 123-4.

alguns de seus direitos – ou, pelo menos lutavam por eles – em todos países ditos civilizados.

O episódio descrito, em que pese o seu inusitado, era, ao que se dizia, comum ao local e à época em que ocorreu. Surpreendentemente, porém, menos de dez anos passados, outro visitante observa, agora na região de Curitiba, um quadro bastante diferente. Cabe, desta vez, a Nestor Victor, intelectual paranaense radicado no Rio de Janeiro, traçar o perfil feminino na cidade:

As moças e rapazes são assíduos freqüentadores das “soirées” dançantes nos clubes e casas particulares (...). Tirante esses saraus familiares, realizam-se às vezes espetáculos teatrais, mas quase sempre proporcionados por grupos de amadores.³

Nada de quartos secretos ou de mulheres trancadas à chave...

Mais duas décadas se passam e a situação continua surpreendendo, quando o mesmo cronista vai encontrar circulando, em plena via pública de Curitiba, várias mulheres desacompanhadas, o que representa para o observador um sinal de modernização na cidade:

Achávamo-nos por acaso em frente a um grande estabelecimento de fazenda e armazém, onde vi entrarem duas ou três senhoras de distinção.

Outra novidade para mim, disse eu. No meu tempo não havia senhora curitibana que viesse às lojas sozinha, fazer compras a esta hora. Parece coisa insignificante, não é? Mas pode-se medir a civilização de uma terra pela liberdade de movimentos que tenham nela as mulheres. E olhem: vejam que diferença entre o porte destas senhoras agora e o ar acanhado, profundamente provinciano que elas tinham, em geral há vinte anos atrás.⁴

Curitiba não é um caso isolado no cenário paranaense. Em vários centros de menor porte a situação se reproduz mais ou menos aos moldes da capital. Na cidade de Castro, situada na região dos chamados Campos Gerais, no segundo planalto paranaense, a encenação de peças teatrais traz as mulheres à cena. Em 1904, por exemplo, na apresentação da peça *Catarina em questão*, com tema dedicado à acirrada discussão sobre os limites entre os estados de Paraná e Santa Catarina, D. Maria Taveira “interpretou, com muita perícia”, o papel de Catarina (paródia do estado vizinho), conforme descreve a crônica local. Pouco tempo depois, as castrenses estão também presentes às

3 Victor, Nestor. *Terra do futuro*. Impressões do Paraná. Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, 1913, p. 108.

4 Victor, Nestor, op. cit., p. 122.

primeiras projeções cinematográficas da cidade e participam graciosamente do *footing* domingueiro que antecede às sessões de cinema.⁵

Um contraste tão marcante entre o depoimento de Wither e os demais não se explica a partir de um único fator, que seria a oposição campo-cidade. Vários são os elementos que contribuem para que uma sociedade abra às mulheres espaços antes reservados ao sexo masculino. No que diz respeito ao Paraná, o final do século XIX é particularmente caracterizado pelas relações capitalistas de trabalho estabelecidas sobretudo no setor agropecuário e extrativista – caso da erva-mate e da madeira – e na indústria incipiente que se liga a essas atividades. O comércio, tanto na província quanto nas cidades, sofre também considerável incremento no período.

Outro grande fator determinante de uma modernização em todo o estado é a política imigratória que, sob incentivo do Governo Federal, encontra eco nas iniciativas da administração local. Em consequência, o Estado recebe um grande contingente de pessoas oriundas de países europeus: alemães, poloneses, ucranianos, italianos. Esses imigrantes são, indiscutivelmente, agentes de transformação, não só pelo trabalho nas lavouras do interior, como por introduzir nas regiões em que se instalam uma forma de viver urbana, incrementando as atividades de indústria, comércio e as novas ocupações citadinas.

Mas, sem dúvida alguma, o maior fator de diferenciação se deve à modernização dos núcleos urbanos ocorrida na virada do século. No caso do Paraná, desde a instalação da Província em 1853, várias pequenas cidades conhecem um surto de progresso inusitado: Curitiba, Paranaguá, Ponta Grossa, Castro, Lapa, entre outras. Esse fenômeno reproduz o mesmo panorama dos centros maiores, como Rio de Janeiro e São Paulo, ou de outras cidades da Europa ou América.

Curitiba é, entre as cidades paranaenses, uma das que melhor se presta à análise da questão da participação feminina nos espaços urbanos, já por ocupar o lugar privilegiado de capital do estado, como por apresentar no período algumas características que lhe dão um toque de originalidade face às demais.

Como qualquer outra cidade em vias de modernização, ela apresenta, no início deste século, sinais evidentes de um processo bastante rápido de mudança. Com uma população que beira os 50.000 habitantes em 1905, a cidade se acha em plena ampliação de seu quadro urbano, com abertura de novas ruas e surgimento de construções em estilo inovador. Em seus arredores, instalam-se pequenas fábricas, mercê da iniciativa dos imigrantes, sobretudo alemães. A ação governamental amplia o atendimento público

5 Leandro, José Augusto. *Palco e a tela na modernização de Castro*. Dissertação de mestrado, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 1995 (mimeo), pp. 49 e 97.

com a instalação dos serviços de água e esgotos e inicia o saneamento do centro da urbe. Em 1889, instala-se a primeira usina geradora de eletricidade e, três anos depois, a iluminação elétrica é entregue à população. Chega também a telefonia e, a partir de 1912, os primeiros bondes elétricos. Os automóveis passam a circular logo pelas ruas já calçadas. Enfim, existe todo um cenário urbano no qual os cidadãos podem agir e circular.

Este é o quadro comum à maior parte das cidades da época. A peculiaridade de Curitiba reside, porém, em um outro aspecto que – embora não seja inusitado nos centros maiores – surpreende e intriga em se tratando de um local onde, há bem pouco tempo, respirava-se ares campestres. Tal especificidade consistia na presença, nos meios intelectuais da cidade, de um ativo círculo de pensadores, dedicado às discussões ligadas à filosofia, à literatura e ao ocultismo.

Trata-se de um grupo que circula não só nos salões elegantes de Curitiba, mas em vários grêmios, associações e congregações, sendo também responsável pela edição de um bom número de livros, revistas e jornais. Seus interesses voltam-se concomitantemente para o livre-pensamento, o anticlericalismo, o ocultismo, a maçonaria, o espiritismo, o socialismo, o neopitagorismo e um não-declarado positivismo.

As raízes dessa efervescência cultural tão díspar podem ser encontradas, talvez, no isolamento a que a cidade – e aliás todo o estado – estivera sujeita enquanto 5ª Comarca de São Paulo, distante da sede do governo e de outras influências normatizadoras – caso da Igreja Católica, cujo bispado também se situava na capital paulistana.

A presença desse grupo pensante e ativo determina, no caso da mulher, a construção de um modelo que, em certos aspectos, contraria os parâmetros da família de cunho patriarcal. Influi, nesse caso, a presença de um ideal feminino, inspirado no modelo positivista que não foge aos princípios da missão de mãe e esposa, mas que lhe dá um lugar de destaque, ao lado do marido e dos filhos, no conjunto da sociedade.⁶

Em função dessa forma mais livre de encarar o papel feminino no conjunto social, muitos são os fatores que influenciam sua educação, sua participação na vida pública e sua presença nos espaços da cidade. Dentre esses, os de maior destaque à época são, como agora, os ligados a duas atividades primordiais no viver humano: lazer e trabalho.

Em meados do século XIX e início do XX, o lazer é responsável por uma invasão feminina dos espaços da cidade. Trata-se de um novo domínio, oriundo em grande parte do desenvolvimento urbano, no qual a mulher que a sociedade conservadora oitocentista segregara nas dimensões do privado, retorna às ruas para nelas despender

6 Trindade, Etelvina M. C. *Clotildes ou Marias. Mulheres de Curitiba na Primeira República*. Tese de doutorado, São Paulo, USP, 1992, pp. 107-203.

seu tempo livre: nas lojas, nos parques, nas casas de espetáculo, nos campos de esportes, nos salões dos clubes recreativos.

Dentre todas as opções possíveis de diversão, a preferência feminina da época volta-se, com muita frequência, para os salões de festa. É certamente por isso que são pródigas as notícias dos periódicos curitibanos do início do século na descrição dos bailes e saraus que ocorrem nos múltiplos espaços a eles reservados: dos salões dos clubes de elite às mais modestas casas de diversão. O contraste entre esses ambientes e suas frequentadoras não poderia ser mais flagrante. A descrição de um baile de gala no Grand Hotel Moderno, nos idos de 1917, usa o linguajar de um conto de fadas:

... Às 21 horas, como se a um apelo unânime, começam a convergir de todas as direções os faróis irradiantes dos autos e das carruagens, demandando a “marquise” ampla e iluminada do Grand Hotel Moderno, bem ali no coração da cidade, na nossa principal artéria. Um abrir rápido de portinholas e as sedas roçagantes, os *manteaux* aveludados, apanhados com firmeza por mãozinhas enluvadas e o sutil perfil buscando rápido o pórtico do edifício, transformam logo aquele recanto da rua 15 em um contraste de animação e vida radiosas, como se nos transportássemos em um momento para bem longe desta fria e insípida atmosfera.⁷

Bem diversa é a descrição que se faz, quando os locais abrigam protagonistas pertencentes às camadas mais baixas da sociedade – caso da mal-afamada Toca da Onça:

A Toca da Onça é um feio lugar sombrio e pesado, ali nas proximidades da Saldanha Marinho (...). Mulheres de má vida, soldados e ébrios, mendigos sórdidos, cantadores do sereno e algazarrentos capoeiras fazem da Toca da Onça ruidoso teatro de façanhudas cenas. Ontem, ainda, às 8 horas da noite, depois de fortemente alcoolizados, praças do exército, indivíduos de má nota e grande número de horizontais ali estabeleceram charivari medonho, em gritaria ensurdecidora, dando bordoadas a valer.⁸

Damas ou prostitutas, as mulheres estão sempre visíveis em diversos espaços de lazer, não apenas nos que promovem bailes, saraus e festas populares, mas em camarotes ou palcos dos teatros. Entre a elite curitibana do início do século é considerado natural, e até louvável, que as “senhoras e senhoritas” participem das representações teatrais, das declamações, dos concertos em que se apresentam “com expressão e sentimentos

7 “Grêmio Bouquet”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 19 de setembro de 1917.

8 “Charivari”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 6 de novembro de 1906, p. 1.

inigualáveis”.⁹ Algumas chegam a se aventurar também nas letras, publicando poesias, trazendo suas opiniões às páginas dos jornais, entrando em discussões sobre conceitos feministas veiculados à época em centros como Paris, Londres ou Estados Unidos:

Se a mulher, num esforço grandioso e belo, procura a sua emancipação intelectual e pecuniária aí vem a grita dos rubros antifeministas, a chamá-la de ousada. Por quê ? Dizem duas palavras, e escrevem e (...) se sustentam, eis o grande crime!¹⁰

Os espetáculos apresentados nos tradicionais teatros da cidade, como o São Theodoro, o Hauer e o Glória, sofrem, na virada do século, a concorrência de outros centros de diversão, os primeiros cinemas – Smart, Eden, Mignon, Bijou – que atraem uma fiel clientela feminina ávida por assistir as últimas “fitas” do “Pathé” e do “Gau-mont”.¹¹

Distantes de todos esses lazeres corretos e planejados, as menos favorecidas social e culturalmente fazem-se também presentes na cidade à sua maneira, de forma nem sempre ortodoxa:

Ontem, às primeiras horas da noite, uma “demi-mondaine” resolveu praticar o “sport” automobilístico. A burguesia em “flânerie” pela rua 15 ficou boquiaberta e, pior (...) a guarda civil também.

Foi um escândalo!

A endiabrada “chaufeuse” teve voz de prisão na esquina da casa Clark. Mas (...) o automóvel corria mais que o pobre guarda e para que ela pudesse demonstrar a sua valentia, desrespeitou ordem e pôs o auto à toda (...) brida, desaparecendo (...) na curva extrema do caminho extremo.¹²

A rua é também o espaço de lazer preferido de jovens casadouras que “fazem avenida”, percorrendo o Passeio Público, a XV de Novembro, ou o Alto do São Francisco, em que o cronista as avista e as descreve como “vênus radiosas” ou “finos ornamentos da sociedade”.¹³

Nem podem ser ainda esquecidas as esportistas que aderem à onda higienista do início do século, num à vontade surpreendente em campos até hoje reservados aos que têm uma dose elevada de ousadia e desprendimento: as “ascensões aéreas”, o

9 “Movimento Social. Reunião Íntima”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 16 de agosto de 1916, p. 3.

10 Flor d’Alisa. “O Feminismo”. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 30 de janeiro de 1924, p. 6.

11 “O Jardim Botânico”. *A República*. Curitiba, 1 de setembro de 1913, p. 1.

12 “Notas e Notícias”. *A República*. Curitiba, 6 de dezembro de 1913, p. 2.

13 Trindade, E. M. C., op. cit., p. 212.

montanhismo, o balonismo, passando por modalidades menos sofisticadas como “basket-ball”, tiro ao alvo, tênis, ginástica sueca e ciclismo.

A prática desses esportes se dá, muitas vezes, nas dependências dos clubes, preferencialmente os de origem alemã, como o Deutscher Sängerbund ou o Handwerker. Mas ocupa também os espaços dos parques como o Passeio Público, oriundo do saneamento do rio Belém, e lugar preferido de lazer das famílias curitibanas; ou ainda o da Cervejaria Providência, muito usado para piqueniques e outras reuniões dominicais.

Nesse campo desportivo, não é desprezível a participação das mulheres imigrantes, sobretudo as alemãs e suas descendentes, que trazem da Europa a nova prática de aprimoramento corporal mediante a atividade física. Mas a grande heroína do esporte em Curitiba àquela época é a circense Maria Aída, com suas proezas a bordo de um balão que sobrevoou Curitiba – fato muito comentado no noticiário local:

... Às quatro horas da tarde o Passeio Público estava repleto de assistentes e meia hora depois a ascensão se fazia, nas melhores condições. O “Granada”, à voz de – “Largado tudo” – do maquinista, elevou-se a prumo e imponentemente, levando a sua arrojada passageira a aeronauta Maria Aída, que dava vivas ao Brasil, acenando a bandeira nacional.¹⁴

Mas não são as atividades lúdicas as únicas responsáveis pela presença das curitibanas nos espaços públicos da cidade; o trabalho é também um fator que subtrai o sexo feminino aos ambientes restritos do lar. Com as transformações econômicas ocorridas nas últimas décadas do século passado, o estado do Paraná entra no século XX com um mercado bastante ampliado nos setores de indústria, comércio e serviços.

Em Curitiba, várias fábricas são construídas à época: de cerveja, de massas alimentícias, fósforos, fitas, cascos para chapéus, caixas de papelão, tintas de escrever, entre muitas outras. Brasileiros e imigrantes disputam a exploração e o beneficiamento da madeira e do mate; os alemães controlam as bebidas, as fundições, os móveis, couros e vestuário – e a maioria das atividades fabris; italianos e poloneses concorrem na área de alimentos.¹⁵

No centro urbano, abrem-se bancos e escritórios comerciais. A rua XV de Novembro, “principal artéria da cidade”, passa a abrigar os *magazins* que se multiplicam, oferecendo tecidos, confecções, armarinhos, calçados, luvas e chapéus.

Em todos esse setores, há espaço para mulheres que desejam efetivar sua participação profissional. E embora devam se submeter às contingências da dupla jornada de trabalho, elas não se furtam, nesse período, a ingressar nos quadros ativos dos di-

14 “Balão ‘Granada’”. *A República*. Curitiba, 22 de abril de 1909, p. 2.

15 Victor, Nestor, op. cit., p. 164.

versos setores econômicos da cidade. Autônomas ou assalariadas, fazem-se presentes em escritórios, fábricas, casas de comércio, escolas e repartições públicas.

E, embora a idéia possa surpreender em época tão recuada, as donas de negócios não são tão raras como se poderia supor. Ao lado do marido quando casadas, sozinhas, se viúvas ou solteiras, várias “senhoras” aventuram-se a dirigir grandes ou pequenas empresas, escritórios e escolas, entre outros tipos de empreendimentos, como mostra o exemplo a seguir.¹⁶

Comunico ao respeitável público em geral, assim como às pessoas que sempre me honraram com suas prezadas ordens que retirou-se desta minha Tinturaria o sr. Julio Meister Sobrinho, ficando a mesma a meu cargo. Agradecendo a benevolência dispensada a esta conhecida Tinturaria espero merecer de novo a confiança do respeitável público – todo o trabalho será executado com capricho e escrúpulo por preço resumido.
Viúva Miguel Meier.¹⁷

Os domicílios onde transcorrem esse tipo da atividade possuem, geralmente, dupla função. À frente a loja, aberta ao público, e, nos fundos, a moradia familiar. No caso dos sobrados, essa divisão se apresenta de forma mais funcional: loja embaixo, moradia em cima. É uma forma de possibilitar à dona da casa a supervisão dos negócios sem descuidar os cuidados do lar.

Muito mais delimitados são os locais nos quais se exercem as profissões liberais, escritórios, hospitais e consultórios, em que as médicas, advogadas, engenheiras, farmacêuticas e dentistas começam a impor suas presenças.

O lugar mais bem aceito, porém, para o exercício profissional feminino, é ainda a casa, onde uma série de atividades relacionadas às chamadas “prezadas domésticas” podem ser postas em prática sem agredir demais os brios masculinos e as convenções sociais. Costura, bordado, engomados, confecções de rendas, flores e chapéus são fontes efetivas de renda, embora relegados ao campo do supérfluo. Adequam-se, sobremaneira, às práticas do magistério particular e vão compor uma face independente da economia informal: “Mme. Costa (...) tem no seu atelier de costura hábeis costureiras onde executa-se qualquer toilet assim como tailleur dirigido por alfaiate”.¹⁸

Nessas casas a divisão de atividades inexistente, misturando-se trabalho externo e funções domésticas. Costura-se junto ao fogão, borda-se ao lado da janela, faz-se renda enquanto se vela o sono das crianças.

16 Victor, Nestor, op. cit., p. 164.

17 “Tinturaria Alemã”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 23 de outubro de 1903, p. 3.

18 “Mme. Costa”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 1 de setembro de 1903, p. 3.

À respeitabilidade desses espaços privados opõem-se outros, em que os meios de subsistência se situam em áreas limítrofes ao crime e à ilegalidade:

O delegado de polícia (...) deu ontem à noite uma batida à casa de tavolagem de Izabel Fhro à avenida Luiz Xavier, onde se joga desbragadamente. Com a chegada da polícia muitos jogadores se escapuliram sendo que outros foram presos...¹⁹

Na periferia da cidade, em pequenas casas de madeira, desenvolvem-se práticas como a cartomancia, a magia e o curandeirismo, também objetos de repressão, não somente por estarem à margem do trabalho socialmente aceito, mas por ferir, implicitamente, alguns dos pilares essenciais da sociedade: a religião e a moderna ciência médica.

Mais uma denúncia foi levada ao conhecimento do Sr. Dr. Jayme Ballão Júnior delegado do Segundo Distrito, acerca de casas de feiticizas e sortistas.

Trata-se agora de uma “nhá” Felipa Gomes da Cruz... uma mulher original que põe as cartas e advinha tudo, por mais escondido que se tenha feito. Por isso, era uma romaria para a casa de “nhá” Felipa. Moços que empreendem negócios e querem saber de seu êxito futuro, cavalheiros que arriscam a roleta e a loteria e querem se certificar de sua boa sorte; senhoras que procuram descobrir se de fato seus maridos vão todas as noite à maçonaria...; meninas que consultam a velha sê “ele” é de fato sincero quando se dispõe a casar. Só uma coisa “nhá” Felipa não descobriu: – que o delegado Dr. Ballão ali iria também. E foi, e para delegacia trouxe “nhá” Felipa.²⁰

Ferem também os pilares da sociedade as casas de prostituição, por vezes descritas na imprensa como moradias luxuosas, onde brilham cristais, flores perfumam o ambiente e quartos são iluminados pela luz de *abat-jours* róseos, insinuando a idéia da alegre “vida fácil”. Mas para a maioria da população, os locais de meretrício nada mais são do que o abrigo de uma existência miserável, distantes da vida honesta a que se dedica o restante das pessoas:

... Mais além, prostíbulos de infelizes negociadoras da carne se mantêm abertos, para que as crianças dos colégios olhem admiradas, não conhecendo embora nem a vibora que lá existe para deturpar os sentimentos d’alma e nem o veneno que de lá se canaliza para a sociedade toda.²¹

19 “Nas Ruas e na Polícia”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 29 de outubro de 1918, p. 4.

20 “Os Feiticizos”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 4 de setembro de 1917. p. 2.

21 “Heróe ou Monstro”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 18 de outubro de 1913, p. 1.

Outra face do trabalho feminino abrange as funções assalariadas, claramente desfavorecidas entre as atividades exercidas por ambos os sexos. Já ao amanhecer, apresam-se pelas ruas da cidade inúmeras figuras femininas, dirigindo-se às lojas, aos escritórios, aos hospitais ou às escolas.

Em Curitiba, mulheres de vários níveis de instrução e projeção social e econômica exercem magistério em escolas cujas instalações são por vezes precárias. Uma ocupação que seguidamente frustra as expectativas sociais que as destinavam à função de mães e esposas.

Mas nem só do magistério subsistem as assalariadas curitibanas. Elas buscam um sem-número de outras ocupações: parteiras, datilógrafas, taquígrafas, secretárias, guarda-livros e contadoras alinham-se nas carteiras dos escritórios sob a vigilância do chefe, por vezes uma mulher; perfilam-se por detrás dos balcões das casas comerciais; sentam-se nas mesas da Empresa Telefônica e das redações dos jornais. Fazem-se também presentes nos serviços particulares ou públicos:

Realizou-se ontem, consoante estava anunciado, numa das salas do Ginásio Paranaense, o concurso para o provimento de lugares de praticante de segunda classe da Administração dos Correios do Paraná e agências a ela subordinadas (...). Dos 76 candidatos inscritos, não compareceram à chamada 15, retiraram-se 27 da prova de português, tendo sido reprovados 14. Os vinte candidatos restantes dentre os quais se notam 5 senhorinhas foram também aprovados nas demais matérias...²²

Nas indústrias incipientes, a operária curitibana, oriunda na maioria dos casos da população rural, se vê limitada a atividades em setores derivados do mate, da madeira e da extração do couro, ocupando ainda alguns espaços nas áreas de alimentação, vestuário e toucador. Mesmo assim, constitui número significativo nessa força de trabalho, confinada em construções de tábua corrida e chão de terra batida, ambientes nada confortáveis nos frios invernos da cidade.

Em oposição a tantos espaços públicos, a casa é o lugar privado, reduto exclusivo da mulher. Palacetes luxuosos, sobrados de classe média, construções térreas de duas águas, pitorescas e ajardinadas casas de imigrantes, pobres casas de madeiras, bordéis e “casas de vício” – todos são abrigos de um universo feminino.

Embora ambiente doméstico, a casa é também síntese do mundo exterior. Nela transcorrem singelas atividades de lazer: saraus domésticos, reuniões íntimas, encontros de família. Conduzidos pela dona da casa, ao pé do fogão, transcorrem agradáveis momentos de descontração. A paulistana Maria Luíza, de passagem por Curitiba, capta perfeitamente a vivência interna desses lares, sob o influxo da mulher:

22 “Concurso nos Correios”. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 14 de março de 1921, p. 2

... Fui recebida como uma velha amiga no seio das famílias de Curitiba.

As horas, que passo na sua franca intimidade, são horas de indizível prazer. De hóspede que sou passo a ser, desde logo, mais uma pessoa da família. Desaparecem a etiqueta e a cerimônia.

Faz-se música, discute-se um pouco de literatura, palestra-se, discute-se a moda, discorre-se sobre guisado e (...) insensivelmente, sem a menor cerimônia, no correr da conversa, enquanto as horas passam velozmente, tem-se passado da sala de visitas à sala de jantar e da sala de visitas à cozinha. Passa-se à plena intimidade junto à lareira, ao doce aconchego do fogão, sentindo o perfume dos assados...²³

Nas residências elegantes, os salões se abrem para o exterior, em serestas de arte em que a dona da casa encontra a melhor garantia de vir à cena, submissa, embora, às regras socialmente estabelecidas:

A bela vivenda do casal Bertholdo Hauer foi ontem o ponto de convergência de tudo o que há de mais seleta e chic do nosso meio social, com a recepção íntima proporcionada pelo nobre casal, às pessoas de sua amizade...

Mme. Hauer, com sua alma profundamente artística, com o seu gênio musical, admirado e reconhecido por todos, cantou a “Ária da Natureza”, da “Inocência”, com expressão e sentimentos inigualáveis, o que lhe valeu os mais merecidos aplausos por parte da esplêndida assistência.²⁴

Em contrapartida, nas moradias operárias, o clima de ternura e encantamento é muitas vezes substituído por tensão e sofrimento. A casa, composta por um ou dois cômodos, escura, úmida e muitas vezes desasseada – onde se apinha um número excessivo de pessoas –, distancia-se, em muito, dos lares idealizados à época. Conciliando penosamente sua dupla jornada, a operária atende às necessidades da moradia que ela comanda, supre e muitas vezes assume independentemente.

Já nas famílias privilegiadas sócio-economicamente, o papel da dona de casa é de ordenação dos espaços domésticos, pelo controle perfeito da rotina diária: do polimento dos móveis à ordem dos armários; do cuidado com as refeições à impecabilidade das costuras, assados e engomados. A casa é, para a família, refúgio e ninho; local idealizado onde reina a dona da casa, apoio do marido, exemplo dos filhos, vigilância dos empregados.

Na relação com os empregados, sobretudo com as do sexo feminino, configura-se o confronto entre duas categorias que têm em comum serem improdutivas para o conjunto da economia: patroa-doméstica. Para as empregadas, o trabalho doméstico a coloca

23 “Curitiba-Jornal”. Maria Luíza. *Diário da Tarde*. Curitiba, 5 de novembro de 1914, p. 1.

24 “Movimento Social”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 11 de agosto de 1916, p. 3.

no ponto último da cadeia das assalariadas. Dispensando qualquer exigência de especialização, as ocupações inerentes ao trato da casa variam das habilidades de cozinhar, limpar, passar ou engomar, às funções ligadas aos cuidados com as crianças:

Ama de leite

Precisa-se de uma forte e sadia, no prolongamento da rua 15, n. 214.²⁵

Emprego

Precisa-se de uma mulher séria e trabalhadeira, para arrumadeira de quarto. Inútil apresentar-se sem ter boas referências.²⁶

Precisa-se

... de uma mulher de 30 a 35 anos, de cor branca, com boa saúde, independente, para tratar de um senhor com três filhos. Prefere-se a italiana.²⁷

No reino privado da vivência familiar existem, pois, mulheres de várias faces, voltadas à função materna, à dedicação da esposa e ao trabalho doméstico. Desdobradas nessas funções, conseguem saber, porém, que para, além dos limites da casa, o chamado “mundo moderno” acena-lhes com a possibilidade da participação social ou com o estímulo ao exercício do trabalho – uma ambiência mais ampla, em que poderão encontrar seu lugar.

No lar ou nas ruas, essas são as mulheres de Curitiba, na virada do século – fração ativa da cidade, compondo o seu dia-a-dia e acompanhando o pulsar de uma urbe que se moderniza e diversifica em seus traçados, serviços e áreas de lazer. Elas são presença peculiar na multiplicidade de um cotidiano que ajudam a construir e em que aparecem nas mais diversas situações: trabalhando, sobrevivendo, lutando por seu lugar no conjunto social, ou, simplesmente, usufruindo momentos de lazer.

Mulheres que saem do seu anonimato para se apresentarem como figuras concretas, públicas e visíveis; que se mostram componentes de uma condição cidadina em seus variados aspectos. É afinal na cidade que se entrecruzam não apenas as novas construções de identidades masculinas e femininas, mas os velhos contrastes dinâmicos do trabalho e do lazer.

25 “Ama de Leite”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 2 de dezembro de 1918, p. 3.

26 “Emprego”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 18 de junho de 1919, p. 6.

27 “Precisa-se”. *Diário da Tarde*. Curitiba, 17 de setembro de 1919, p. 5.